

TEXTOS (Sugestões para seminários)

COLONIZAÇÃO EM SÃO PAULO

(Joaquim Floriano de Godoy)

A história da colonização em São Paulo pode servir de guia aos colonizadores de outras províncias. Nela encontra-se, a par de uma experiência de mais de vinte anos, todas as soluções práticas às questões de contratos, desde a locação de serviços até à parceria e suas modificações. A boa-fé com que o fazendeiro paulista entra nestes cometimentos; as lutas constantes e tenazes para destruir suspeitas arraigadas no ânimo do colono contra sua probidade; o esforço perseverante no intuito de desenvolver o amor ao trabalho e hábitos econômicos em seus contratos, merecem um estudo refletido, porque aí está o segredo dos fecundos resultados obtidos em matéria tão espinhosa. Uma vez vencidos os últimos preconceitos do estrangeiro contra nossa lealdade, estarão abertas as portas à imigração. Mais um esforço e tudo ficará feito. A geração atual não fruirá gozos; mas com toda a certeza a vindoura colherá os frutos de trabalho tão afanoso.

As prevenções injustas que na Europa, principalmente por parte dos governos da Alemanha e Portugal, têm-se manifestado contra a emigração para São Paulo; os próprios erros de nossos governos nesta matéria; a falta de agentes encarregados de mostrarem pelo jornal, pelo livro, pelas associações científicas, os erros em que na Europa estão das cousas do Brasil, tudo isto são graves embaraços com que luta o colonizador paulista. Não obstante, a obra da regeneração da lavoura caminha e há de chegar a seu último estágio.

Não faremos seu histórico desenvolvido, porque isso seria matéria para obra volumosa; só daremos dela ligeira notícia.

Os primeiros colonos estrangeiros que vieram para esta província foram 926 alemães enviados pelo governo-geral em 1828, dos quais 336 formaram um núcleo de colonização agrícola sob a direção do doutor em medicina Justiniano de Melo Franco. Passados tempos dispersou-se esta colônia e os indivíduos que permaneceram na lavoura adquiriram fortuna e os outros internaram-se pela província.

Depois desta tentativa, o senador Vergueiro, em 1847, mandou contratar colonos europeus, vindo 80 famílias compostas de 400 indivíduos para sua fazenda do Ibicaba. Os felizes resultados colhidos na lavoura por Vergueiro e a cessação do tráfico de escravos resolveram a muitos fazendeiros a caminhar na vereda aberta pelo benemérito senador.

De então até hoje mais de 40 colônias agrícolas foram fundadas na província, compostas de franceses, suíços, alemães e portugueses em número superior a 4.000.

Os colonos, em sua máxima parte, são engajados na Europa mediante contratos que podem ser classificados em quatro ordens. A primeira consiste no contrato de parceria quanto à remuneração do trabalho; a segunda, do princípio de parceria pelo pagamento a preço fixo de alqueire do café colhido; a terceira de salário fixo quanto à cultura do café e pagamento da colheita por alqueire a preço fixo; a quarta de locação de serviços exclusivamente.

(Segue-se a relação das colônias existentes na época.)

Quais os resultados principais colhidos pela colonização particular em São Paulo? O primeiro, foi chamar famílias brasileiras ao trabalho agrícola, sujeitando-se ao regime das colônias. O segundo, criar a pequena propriedade em escala avultada. O terceiro, aumentar a produção do café e algodão, preparando-os com processos aperfeiçoados, com o que os gêneros adquiriram grande valor. O quarto, criar indústrias novas. O quinto, melhorar a educação pública pela necessidade do conhecimento de diversas línguas e costumes estrangeiros. O sexto, o aumento da riqueza pública pelo desenvolvimento da exportação. O sétimo, estabelecer comunicações mais íntimas entre a Europa e o Brasil, abrindo assim as portas à imigração.

(A Província de S. Paulo: trabalho estatístico histórico e noticioso, destinado à Exposição Industrial de Filadélfia, oferecido a S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II pelo Senador do Império Dr. Joaquim Floriano de Godoy, natural de S. Paulo. Rio de Janeiro, Tip. do Diário do Rio de Janeiro, 1875. Págs. 131/133. Reedição fac-similada com intr. e notas de Brasil Bandecchi, da Academia Paulista de História. Governo do Estado de São Paulo, 1978. Coleção "Paulística", vol. XII.)

*

A IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA AOS ESTUDOS HISTÓRICOS

(Frederico Ozanan)

Compreendes, pois, a importância atribuída em nossos dias aos estudos históricos. Sobre este ponto, todos estão de acordo. Mas a cisão surge no próprio ponto de partida, tendo por objeto os dados da questão. Tomam uns a psicologia por base de suas pesquisas, criando para seu uso uma espécie de homem abstrato à semelhança da estátua de Con-

dillac, e vendo nesse homem tudo quanto querem. Dele deduzem uma fórmula filosófica sobre a qual fazem repousar a história, como se fora o leito de Procusto, cortando e martirizando tudo quanto não se adapta à inflexibilidade do seu modelo. E tais pessoas, que apenas repetem Rousseau, Dupuris e Volney, fizeram esta admirável descoberta: as religiões começaram pelo fetichismo. Repetem esta conclusão a quem os quer ouvir, discorrendo sobre a lei do progresso, a extinção do cristianismo e o próximo advento de uma nova religião. É isto o que recentemente pregou Jouffroy, professor de filosofia na Sorbonne, nessa mesma Sorbonne fundada pelo Cristianismo e cuja cúpula ainda ostenta o signo da cruz. Mas, ante esta escola que se rotula de "racionalista", outra se ergue com o nome de "tradicional". Não que tenha esta repudiado a razão, mas porque a história é a base, e a tradição o ponto de partida de seu sistema. Em suas fileiras destacam-se Chateaubriand, Lamennais, Ekstein, Ballanche e Bonald, e, na Alemanha, Schlegel, Baader, Stolberg e Coerres. Dois objetos, para eles, se distinguem nos conhecimentos humanos: o finito e o infinito, a verdade filosófica e a religiosa; e duas maneiras de chegar ao conhecimento: a razão e a crença, a análise e a síntese ou, como se exprime a igreja: a ordem da natureza e a da graça. O finito é assaltado de todos os lados pelo infinito. O infinito é Deus, o Alfa e o Ômega, princípio e fim. Donde se conclui que a síntese é, ao mesmo tempo, base e coroamento da humanidade, sendo, portanto, a verdade religiosa o manancial e o fim da verdade filosófica.

(Carta a Ernesto Falconnet, Paris, 18 de dezembro de 1831. *Cartas de Frederico Ozanan*, 1^o volume, págs. 31/32. Trad. de João Pereira Duprat. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1953.)

*

*

*